



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - LICENCIATURA

BALADA DE AMOR AO VENTO (1990):
A REPRESENTAÇÃO DO LOBOLO E AS POLÍTICAS DE MODERNIZAÇÃO DA
TRADIÇÃO MOÇAMBICANA NA LITERATURA DE PAULINA CHIZIANE

ANA LUIZA BALDIN FIDELIS

Foz do Iguaçu
2024

BALADA DE AMOR AO VENTO (1990):
A REPRESENTAÇÃO DO LOBOLO E AS POLÍTICAS DE MODERNIZAÇÃO DA TRADIÇÃO
MOÇAMBICANA NA LITERATURA DE PAULINA CHIZIANE

ANA LUIZA BALDIN FIDELIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva.

Foz do Iguaçu
2024

ANA LUIZA BALDIN FIDELIS

BALADA DE AMOR AO VENTO (1990):
A REPRESENTAÇÃO DO LOBOLO E AS POLÍTICAS DE MODERNIZAÇÃO DA TRADIÇÃO
MOÇAMBICANA NA LITERATURA DE PAULINA CHIZIANE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva
UNILA

Prof. Dra. Ana Rita Uhle
(UNILA)

Prof. Me. Fabiane Miriam Furquim
(UFPR)

Foz do Iguaçu, 11 de setembro de 2024.

RESUMO

Este trabalho investiga a representação do lobolo e as políticas de modernização da cultura e tradição moçambicana na literatura de Paulina Chiziane, com foco especial em seu romance *Balada de Amor ao Vento* (1990). O objetivo principal consiste em analisar como Chiziane aborda a prática do lobolo, suas implicações nas relações de gênero e a forma como essa tradição é ressignificada em um contexto de transformação social e política. A metodologia adotada envolve a análise da obra a partir dos conceitos desenvolvidos pela Nova História Cultural, buscando relacionar a narrativa literária com o contexto histórico de Moçambique entre 1960 e 1990, marcado pela luta pela independência e pela guerra civil, além das dinâmicas sociais contemporâneas. O trabalho demonstra que Chiziane utiliza a figura do lobolo para questionar as políticas de modernização promovidas pela FRELIMO, revelando as tensões entre tradição e modernidade. A protagonista Sarnau emerge como uma representação da luta feminina, desafiando as expectativas sociais e buscando autonomia em um ambiente que frequentemente marginaliza as vozes das mulheres. Assim, a análise da prática do lobolo na obra de Paulina Chiziane mostra-se fundamental para compreender as intersecções entre tradição, modernidade e gênero, contribuindo para um entendimento mais profundo das realidades sociais de Moçambique.

Palavras-chave: lobolo; literatura; tradição; modernização; Paulina Chiziane.

RESUMEN

Este trabajo investiga la representación del lobolo y las políticas de modernización de la cultura y tradición mozambiqueñas en la literatura de Paulina Chiziane, con especial atención en su novela *Balada de Amor ao Vento* (1990). El objetivo principal es analizar cómo Chiziane aborda la práctica del lobolo, sus implicaciones para las relaciones de género y la forma en que esta tradición adquiere un nuevo significado en un contexto de transformación social y política. La metodología adoptada implica analizar la obra a partir de los conceptos desarrollados por la Nueva Historia Cultural, buscando relacionar la narrativa literaria con el contexto histórico de Mozambique entre 1960 y 1990, marcado por la lucha por la independencia y la guerra civil, además de las dinámicas sociales contemporáneas. La obra demuestra que Chiziane utiliza la figura del lobolo para cuestionar las políticas de modernización impulsadas por FRELIMO, revelando las tensiones entre tradición y modernidad. La protagonista Sarnau emerge como una representación de la lucha femenina, desafiando las expectativas sociales y buscando autonomía en un entorno que a menudo margina las voces de las mujeres. Así, el análisis de la práctica del lobolo en la obra de Paulina Chiziane resulta fundamental para comprender las intersecciones entre tradición, modernidad y género, contribuyendo a una comprensión más profunda de las realidades sociales de Mozambique.

Palabras clave: lobolo; literatura; tradición; modernización; Paulina Chiziane

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. DESENVOLVIMENTO	12
2.1. LITERATURAS AFRICANAS CONTEMPORÂNEAS COMO FONTE HISTÓRICA.....	12
2.2. PAULINA CHIZIANE E OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE.....	18
2.3 BALADA DE AMOR AO VENTO, O LOBOLO ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO	20
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

A literatura moçambicana contemporânea surge como um campo fértil para a investigação das complexas interações entre tradição e modernidade, especialmente no contexto pós-colonial. Romancistas como Paulina Chiziane têm se destacado por suas narrativas que não apenas representam a complexa realidade social de Moçambique, mas também questionam as normas estabelecidas, oferecendo novas perspectivas sobre os processos intrincados de formação da nação moçambicana. Por meio de suas obras, esses escritores abordam questões fundamentais que permeiam a experiência moçambicana, como gênero, memória e resistência.

Balada de Amor ao Vento, o romance de estreia de Chiziane, é um exemplo emblemático dessa abordagem. Publicado originalmente em 1990, o romance não se limita a contar uma história de amor; ele também narra as práticas culturais associadas tradicionalmente a comunidades no sul de Moçambique, como o lobolo, e as suas implicações nas relações de poder e nas dinâmicas sociais locais. A protagonista, Sarnau, apresenta em sua trajetória, as experiências das mulheres em um contexto marcado por transformações sociais e políticas, abordando as tensões entre as tradições ancestrais e as pressões da modernidade, sobretudo diante dos avanços do colonialismo e do missionarismo.

Este trabalho se propõe a analisar *Balada de Amor ao Vento*, destacando como Chiziane utiliza a narrativa para problematizar as representações da prática do lobolo na obra. Através do embasamento histórico, buscaremos compreender as implicações sociais e culturais presentes do lobolo no romance, bem como a relevância da perspectiva feminina na construção das narrativas históricas do país. Assim, a análise da obra de Chiziane não apenas enriquece o entendimento da literatura moçambicana, mas também contribui para um diálogo mais amplo sobre as questões historiográficas contemporâneas.

Em termos teórico-metodológicos a pesquisa dialoga com a chamada Nova História Cultural, sobretudo por aproximar-se de outras formas de linguagens (a exemplo do literário) como substrato para o escrutínio de imaginários, sensibilidades e representações sociais. Adicionalmente, a pesquisa dialoga com a historiografia africana recente, não apenas pelo seu esforço em ampliar o escopo de fontes e problemas de pesquisa na investigação dos passados africanos, mas, sobretudo, pela sua problematização de noções como “tradição” e “modernidade”.

2. DESENVOLVIMENTO

A parte principal deste trabalho se dedicará a uma análise de *Balada de Amor ao Vento*, focando nas representações do lobolo e nas interações entre tradição e modernidade. Através da obra, considerando duas diferentes temporalidades – a que Paulina Chiziane vive e a que escreve em sua narrativa -, exploraremos como as práticas culturais, a exemplo do lobolo, são ressignificadas no contexto das transformações sociais e políticas de modernização na Moçambique pós-independência, destacando as experiências das mulheres e as tensões que emergem dessas dinâmicas.

2.1. LITERATURAS AFRICANAS CONTEMPORÂNEAS COMO FONTE HISTÓRICA

As relações entre História e Literatura têm sido problematizadas pela historiografia recente, sobretudo com o objetivo de mobilizar fontes literárias na investigação das experiências humanas ao longo do tempo. Diversos historiadores, sobretudo relacionados à Nova História Cultural e à História Social da Cultura, tem utilizado textos literários como documento histórico para a investigação de processos de construção de representações sociais, imaginários políticos e sensibilidades, ou, ainda, para compreender a ação e agência de sujeitos históricos a partir das sendas da ficção. Conforme a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2003), pode-se apontar a relação entre História e Literatura como complexa e multifacetada, marcada por aproximações e distanciamentos ao longo do tempo.

A partir da perspectiva da História Cultural, essa relação pode ser entendida de diferentes maneiras (Pesavento, 2003, p. 31), afinal de contas, tanto a História quanto a Literatura têm sido vistas como formas de narrar e interpretar a realidade (de maneiras e compromissos distintos), atribuindo-lhe sentido e significação. Sobretudo, a partir da década de 1980, a interação entre história e literatura tem sido caracterizada por diálogos significativos. Por meio de narrativas literárias, a exemplo de romances, crônicas, contos ou poesia, o diálogo entre a História e a Literatura tem convergido na possibilidade de investigação do passado, permitindo uma imersão e compreensão mais ampla e sensível do passado (Pesavento, 2003, p. 36; Celso, 2009, p. 61).

No que se refere à História da África contemporânea, e de forma mais específica ao caso de Moçambique entre as décadas de 1970 e 1990, a literatura se torna um pilar central na ampliação e diversificação das narrativas históricas sobre o continente, dando voz para grupos sociais que viviam e experienciavam realidades socioculturais e políticas que, durante muito tempo, eram contadas somente por europeus. Por meio de romances, contos e poesias, escritores africanos

contemporâneos desenvolvem temas como colonização, resistência, identidade cultural e memória coletiva, oferecendo perspectivas únicas e críticas sobre a (sua) história da África (Chaves, 2004, p. 147).

Essa atenção aos usos do literário integra um movimento recente na historiografia africana, que se volta às fontes literárias, e principalmente à escrita de autoria feminina, como possibilidade de investigação da história africana contemporânea. Também está relacionada aos processos de renovação e ampliação da própria historiografia africana/africanista, sobretudo a partir dos movimentos de “africanização do conhecimento histórico” (Brizuela-Garcia, 2006), com o objetivo de superar as perspectivas eurocêntricas e colonialistas sobre os passados africanos e, por extensão, recuperar as perspectivas, agenciamentos e iniciativas africanas ao longo do tempo. Esse movimento, que começa a ganhar forma no contexto das descolonizações e das lutas de libertação na década de 1960, somado à formação das primeiras gerações de historiadores profissionais na África, levou a uma valorização das mais diversas tipologias documentais necessárias à investigação histórica dos passados africanos, dentre os quais, os usos da literatura.

Para isso, será necessário considerarmos as literaturas de língua portuguesa dos países PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), incluindo Moçambique. De acordo com Russell Hamilton (1999, p. 14), essas literaturas, surgidas em contextos coloniais, foram marcadas pela imposição do português como língua oficial. Elas prepararam o terreno para a escrita “pós-colonial”, que, após os processos de independência, buscou reescrever e reinventar a África e suas histórias, através de uma escrita intimista, experimentalista e reformista (Hamilton, 1999, p. 16). Nesse ponto, convém demarcar que esta abordagem da literatura africana contemporânea aproxima-se do conceito “pós-colonial”, o qual, longe de expressar certa linearidade temporal ou a total superação das estruturas de poder/violência associadas à colonialidade, possibilita “nos ajudar a descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição (necessariamente irregular) da era dos impérios para o momento da pós-independência ou da pós-descolonização” (Hall, 2011, p. 101), e que permite, entre outros aspectos, na subversão ou superação de binômios (como colonizador/colonizado), para, assim refletir acerca de outras formas de relação de poder - marginalização, negociação, resistência.

Conforme tem demonstrado a historiografia, o campo literário moçambicano emergiu principalmente na zona urbana de Beira e Lourenço Marques - agora, pós-independência, chamada de Maputo - a partir de uma elite luso-africana, formada principalmente por intelectuais portugueses e assimilados, e que, aos poucos, conquistaram espaço nos canais e centros de administração e poder nas primeiras décadas do século XX. Inicialmente, os jornais foram os primeiros meios encontrados para divulgação das ideias contrárias ao colonialismo. A partir do jornal

O Africano, fundado em 1909 pelos irmãos João e José Albasini, com edições português e ronga, uma das línguas originárias faladas na região sul de Moçambique (Dimande, Chimbutane, 2022, p. 870). O período estava vinculado ao Grémio Africano de Lourenço Marques, uma das primeiras associações compostas por grupos assimilados e voltada à defesa de direitos em contexto colonial. Posteriormente, em 1918, os irmãos Albasini fundaram *O Brado Africano* (que se tornaria um dos porta-voz de novos ideários), e com o jornal tendo sido impedido de funcionar, foi substituído pelo *Clamor Africano*. Entre ida e vinda, a suspensão d'*o Brado Africano* se deu em 1974, a sua atividade esteve influenciada por órgãos oficializados (Fonseca; Moreira, 2017, p. 47).

Entre as décadas de 1940 e 1950, com publicações de textos, tanto em jornais (como as citadas anteriormente) quanto em livros, que o campo literário moçambicano começa a ganhar contornos mais precisos, principalmente a partir das atividades editoriais, literárias e jornalísticas, bem como nas redes de sociabilidades intelectuais e letradas. Pautas relacionadas ao Movimento da Negritude e do Renascimento Negro, aparecem nas histórias dos escritores moçambicanos do período, convocando à luta pela valorização das raízes e vidas africanas ancestrais e esforço para dar dignidade aos africanos (Santos, 2010, p. 247). Assim, para compreender melhor a construção da literatura de Moçambique, alguns críticos literários distinguem três principais fases: a colonial, a nacional e a pós-colonial¹ (nesta, encontraremos as escritas de Paulina Chiziane) (Fonseca; Moreira, 2017, p. 48).

Conforme Fonseca e Moreira (2017), a fase colonial tem como enfoque as temáticas do período em que Portugal ainda estava presente "colonizando" terras moçambicanas. A partir de produções literárias como de Rui de Noronha, a exemplo do *Sonetos* (1943) e João Dias, que publicou a coletânea *Godido e outros contos* (1952), esses literatos e poetas moçambicanos começam a discutir temas como o racismo, exploração racial, e humilhação, tanto física, como psicológica e cultural (Fonseca; Moreira, 2017, p. 48-49). Os meandros do colonialismo impactaram diretamente na produção literária e jornalística, pois o colonialismo não apenas proibiu e buscou extinguir as práticas culturais e linguísticas africanas, como também impôs a instituição e prática da língua portuguesa em Moçambique. Essa primeira fase da história literária moçambicana foi marcada por um mal-estar, compartilhado pelos escritores e jornalistas, com relação ao colonialismo português, sobretudo os processos de expropriação de terras; exploração da mão-de-obra e formas de trabalho compulsório, como o *chibalo*; imposição de leis e impostos coloniais; e, principalmente, as barreiras impostas pelo colonialismo e pelo racismo à ascensão social de grupos assimilados. Além disso, essa primeira geração de literatos também influenciou a memória da literatura moçambicana. Afinal de contas,

1 Conforme Russell Hamilton, compreenderemos o termo "pós-colonial" com hífen, para referenciar-se ao período temporal depois do colonialismo. (HAMILTON, 1999, p. 14)

como relata Paulina Chiziane, "essa história de se ser bilingue, ou trilingue, ter uma cultura africana e escrever numa língua europeia é um grande dilema". Seu relato faz referência às complexidades culturais dos literatos moçambicanos em situação colonial, e complementa, "porque muitas das ideias que eu tenho, as ideias mais belas e mais profundas, tenho-as na língua em que as coisas me foram contadas (...). Mas para mim? Nem uma expressão de amor, nem uma expressão de amargura, nada que se pareça, não pode ser em português." (Schmidt, 2010, p. 318).

Um segundo momento da história da literatura moçambicana, caracterizada por Fonseca e Moreira (2017) como "fase nacional", localiza-se no contexto das lutas de independência em Moçambique, principalmente entre 1967 e 1974. Esse período foi marcado pela valorização de uma estética revolucionária, baseada na literatura e na poesia de combate, poemas onde a "narrativa da experiência de sofrimento comum é confrontada pela ideia de violência revolucionária" e que terá através da luta armada "a força catártica e a energia de transformação social" (Campos, 2022, p. 123), a qual, em grande parte, era produzida por membros vinculados à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Além dos escritores Orlando Mendes e Rui Nogar, destacamos as trajetórias das escritoras Noémia de Sousa (1926-2002) e Lina Magaia (1945-2011).

Aclamada posteriormente como a "mãe dos poetas moçambicanos" e considerada, por muitos, a fundadora da literatura moçambicana, Noémia de Sousa foi uma das principais representantes da poesia de combate em Moçambique. Publicou parte expressiva das suas obras e teve sua escrita divulgada nacional e internacionalmente, com poemas publicados n'O *Brado Africano* e nos órgãos ligados à Casa dos Estudantes do Império, instituição estabelecida pelo governo português na década de 1940, e que se tornou espaço importante na formação do pensamento anticolonial. Em seus poemas, Sousa denunciava as injustiças praticadas pelo colonialismo em África, e deixava claro, seu desejo de crescer e viver em uma sociedade sem quaisquer tipos de preconceito (Santos, 2010, p. 245-246). Em suas linhas, tinha comprometimento em buscar as raízes africanas ancestrais e o desejo de luta coletiva, por uma sociedade onde poderiam ser humanos, sem preconceitos raciais, culturais e sociais. Um exemplo disso pode ser vislumbrado no *Poema da Infância Distante*: "Eles me provaram que "fraternidade" não é mera palavra bonita / escrita a negro no dicionário da estante: / ensinaram-me que "fraternidade" é um sentimento belo, e possível, / mesmo quando as epidermes e a paisagem circundante / são tão diferentes." (Sousa, 2011, p. 36-37). Com isso, deve-se destacar o compromisso que Sousa, teve em toda sua vida, como uma mulher africana lutando pela libertação da sociedade moçambicana.

O período pós-independência, também considerado por Fonseca e Moreira (2017) como uma fase "pós-colonial" foi marcada pela produção de romancistas que começaram a problematizar as realidades sociais e políticas de Moçambique entre as décadas de 1980 e 1990,

especialmente as complexidades dos projetos de modernização e de “moçambicanidade” levadas a cabo pela FRELIMO e as experiências da guerra civil moçambicana - também conhecida, mais recentemente, como guerra dos dezessete anos – que durou entorno de 1977 á 1992. Um dos elementos que marca essa geração da literatura moçambicana foi a fundação da Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO) em 1982, e, dois anos depois, a criação da Revista *Charrua*, “periódico idealizado e publicado por um grupo de jovens escritores imbuídos de ideias e intenções de demarcar um novo momento da literatura moçambicana, distanciando-se das retóricas de intelectual revolucionário e poesia de combate, caras ao projeto nacional do Estado-Frelimo” (Bortolotti, 2020, p. 39). Dentre os literatos moçambicanos contemporâneos, convém destaque a figuras como Mia Couto, que publicou *Terra Sonâmbula* (1992), *Vozes Anoitecidas* (1986), e outras obras; Ungulani Ba Ka Khosa, *Ualalapi* (1987) e *Orgia dos loucos* (1990); Lília Momplé, a qual publicou *Ninguém matou Suhura* (1988), entre outras obras; e, é claro, Paulina Chiziane, em cujo romance *Balada de Amor ao Vento* (1990) incide o foco desta pesquisa.

Embora esses romancistas se diferenciem na forma como contaram suas narrativas, vivenciaram o contexto pós-independência em Moçambique, trazem suas experiências com tom individual e intimista para narrativas da vivência do pós-colonial, retomando práticas ancestrais, como a recuperação da tradição oral moçambicana através da contação de histórias, ritos religiosos e culturais, e questionando o momento que viviam, realizando o feito de religar o presente ao passado (Schmidt, 2010, p. 321). Além disso, alguns desses romancistas distanciaram-se da estética da poesia de combate, evidenciando também certo incômodo com as políticas nacionalistas e os projetos de modernização levados a cabo pelo governo frelimista.

Tais características, descritas anteriormente, estão presentes nas obras de Paulina Chiziane. Regressando para o passado familiar, ancestral e comunitário, ela ressignifica a tradição oral, de modo a problematizar relações de gênero e raça. Além disso, ao se apresentar como uma "contadora de estórias", Chiziane muito possivelmente remete às formas africanas de transmissão e ressignificação de memórias e histórias por meio da oralidade. A partir do conhecimento da língua portuguesa que a autora desenvolveu por sua escolarização, Chiziane buscou, em suas narrativas literárias, possibilitar uma reaproximação de suas raízes culturais - tanto de si mesma, quanto para proporcionar essa experiência ao leitor (Schmidt, 2010, p. 318).

Por meio de sua literatura, Chiziane reconstitui a memória coletiva que existe e pertence às mulheres moçambicanas, através de narrativas que envolvem e desenvolvem suas experiências cotidianas, em especial relações familiares, matrimoniais, sociais e econômicas (Schmidt, 2010, p. 320). Pontos que se tornaram relevantes quando se lembra o período histórico que a autora escreveu estas obras, com os processos advindos do pós-independência, impactaram

diretamente as tradições ancestrais devido aos processos de ocidentalização, modernização e urbanização moçambicana. Entre exílios e insílios - exílio de si mesmo, e/ou estranhamento vivido no próprio país - (Can, 2020, p. 31), Chiziane irá oferecer histórias que buscam suavizar as perdas e ausências da sociedade em que vive, já que não as podem esquecer (Schmidt, 2010, p. 328).

A literatura moçambicana contemporânea, especialmente a partir dos anos 2000, destaca-se pela diversidade e inovação, refletindo as complexidades do país e sendo impulsionada por uma nova geração de escritores que exploram temas como, por exemplo, as relações complexas entre modernidade e tradição contrapostas às realidades sociais e políticas moçambicanas. Entre esses escritores, Hironidina Joshua, autora de *Os ângulos da casa* (2016) e membro da Associação de Escritores Moçambicanos, se destaca como uma obra sensível e profunda, abordando questões de identidade, memória e existência com linguagem poética e introspectiva. Joshua, juntamente com outros contemporâneos, contribui para um panorama literário que busca retomar a tradição e a ancestralidade, expressando e transmitindo os desafios da complexa sociedade moçambicana.

Concluindo acerca da literatura moçambicana e sua importância histórica, social e cultural, Paulina Chiziane, em entrevista, ao ser questionada sobre a capacidade da literatura testemunhar aquilo que foi vivido, especialmente em contextos marcados por conflitos, como a guerra civil moçambicana, relata:

“É! A literatura é testemunhal. Só que, no caso de Moçambique, eu acho que os escritores, são seres humanos, lógico, mas os escritores são uma espécie de testemunha e que, de certa maneira, colocam no papel, como se diz, o sentimento deles e das pessoas com quem convivem. Porque os políticos depois vão produzir os livros de histórias, com datas e aquelas regras todas fixas, porque o exército de fulano venceu fulano, porque isto é aquilo e ponto final, mas o escritor tem essa vantagem, de trazer o outro lado humano sobre essas guerras. (...) Então, nesse aspecto, a literatura moçambicana contribuiu, sim, para chamar a atenção sobre o sofrimento do negro. Os embaixadores, pessoas comuns despertaram para a realidade e começaram a questionar, por meio da literatura. Isso aconteceu.” (Santos, 2018, p. 5)

Assim, a relação entre História e Literatura encontra-se marcada por complexas conexões estabelecidas com os processos de ressignificação da experiência humana ao longo do tempo. A literatura africana contemporânea, especialmente a de autoria feminina, destaca-se como uma fonte histórica inestimável para a problematização de relações sociais, políticas e culturais. Romancistas como Paulina Chiziane fornecem perspectivas acerca de identidade, memória e resistência, ocupando espaços deixados pelas narrativas históricas convencionais e oficiais. Através de suas narrativas, Chiziane não apenas monta histórias, mas também desafia e reimagina a sociedade moçambicana, oferecendo uma compreensão profunda e crítica das experiências das mulheres em Moçambique. Sua literatura, portanto, será a base para explorar e interpretar a história contemporânea do país, reforçando a importância da perspectiva feminina na construção e no entendimento das narrativas históricas africanas.

2.2. PAULINA CHIZIANE E OS PROCESSOS DE INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

Nas últimas décadas, a romancista Paulina Chiziane emergiu para a cena literária africana com uma voz e escrita singular. Chiziane nasceu em 4 de junho de 1955 em Manjacaze, na província de Gaza, no sul de Moçambique. Foi criada nos subúrbios de Maputo em uma família protestante, e ingressou em uma escola católica, onde adquiriu fluência na língua portuguesa. Mais tarde, iniciou os estudos de Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, porém, não os concluiu (Ataide, 2016, p. 159). Durante sua juventude, presenciou os movimentos revolucionários aflorarem e movimentarem seu país. Por isso, para compreender a escrita e construção literária de Chiziane, é necessário retomar os processos de independência que Moçambique viveu desde a década de 1960 - estabelecendo, assim, uma relação entre trajetória e contexto para compreender melhor os meandros da sua produção literária.

As lutas de libertação em Moçambique foram um período decisivo e transformador na história do país, caracterizado por uma intensa resistência contra o colonialismo português. Este movimento de libertação culminou na formação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) em 1962. A criação da FRELIMO envolveu trânsitos e deslocamentos significativos entre a Tanzânia e Moçambique, além de articulações políticas fundamentais lideradas por figuras como Eduardo Mondlane e Samora Machel. Mondlane, um dos fundadores e primeiro presidente da FRELIMO, foi uma figura central na organização da resistência contra o colonialismo português, após a sua morte em 1969, Samora Machel assumiu a liderança e desempenhou um papel crucial durante a Guerra de Independência (Furquim, 2018, p. 21). A luta armada pela independência começou em 1964 e se intensificou ao longo da década seguinte, este período foi marcado por confrontos entre as forças da FRELIMO e o exército colonial português. A estratégia de guerrilha adotada pela FRELIMO, aliada ao apoio popular e ao suporte logístico fornecido por países vizinhos e movimentos de libertação internacionais, foi fundamental para a resistência moçambicana (Thomaz, 2018, p. 89-90).

A independência de Moçambique foi formalmente alcançada em 25 de junho de 1975. Este marco histórico ocorreu no contexto do esgotamento provocado por mais de uma década de conflitos armados e pela Revolução dos Cravos em Portugal, que pôs fim ao regime salazarista. A independência trouxe a promessa de uma transformação radical das estruturas sociais herdadas do colonialismo português, buscando superar o sofrimento e a aflição causados pelo regime colonial (Newitt, 2017, p. 137; Thomaz, 2018, p. 91). Após a independência, a FRELIMO, agora no poder,

iniciou uma série de políticas voltadas para a criação de uma nova identidade nacional e a modernização de Moçambique. Inspiradas pelas convicções socialistas, essas políticas visavam não apenas o desenvolvimento econômico, mas também a transformação social e cultural. Um dos conceitos centrais neste projeto foi a criação do "homem novo" moçambicano, que representava o afastamento das estruturas coloniais e o comprometimento com a construção de uma sociedade moderna e igualitária (Furquim, 2017, p. 38).

A criação do "homem novo" também implicava na formação de uma "mulher nova" moçambicana. Para promover a emancipação feminina, a FRELIMO formalizou a criação da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) em 1973. A OMM foi estabelecida para encorajar a participação ativa das mulheres na revolução e na construção da nova sociedade moçambicana. A organização visava romper com as tradições consideradas como opressoras e promover a igualdade de gênero através da educação, qualificação profissional e participação política (Casimiro, 2014, p. 237). As políticas da OMM e da FRELIMO buscavam combater práticas consideradas como "obscurantistas" e promover uma nova consciência social e cultural, engajada com a manutenção do processo revolucionário e a construção de um Estado socialista. No entanto, estas políticas enfrentaram resistências e desafios, particularmente no que diz respeito à aceitação e preservação de práticas culturais ancestrais, como o lobolo (Furquim, 2017, p. 25-26).

Neste contexto, Paulina Chiziane iniciou, em 1984, suas publicações na imprensa moçambicana, e posteriormente, se tornaria a primeira mulher no país a publicar um romance. Serão nestes escritos que teremos contato com as vivências em períodos conturbados da colonização portuguesa e seus frutos na região, entrelaçados com esperança, afeto e a representação do feminino em uma Moçambique, tanto colonial quanto contemporânea. Convém frisar que parte da produção literária de Paulina Chiziane foi gestada e publicada em um contexto marcado pela guerra civil em Moçambique, conflito que perdurou entre 1977 e 1992, e que opôs as forças do governo, controlado pela FRELIMO, e os grupos guerrilheiros da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO). Os ecos da violência da guerra e o trauma dos conflitos são abordadas em alguns dos seus romances. Além de *Balada de Amor ao Vento* (1990), seu romance de estreia, Chiziane publicou *Ventos do Apocalipse* (1993), *O Sétimo Juramento* (2000), *Niketche: Uma história de Poligamia* (2002), *O Alegre canto da perdiz* (2008) e *As Andorinhas* (2009). Com sua quarta publicação, *Niketche*, foi

laureada com o Prémio José Craveirinha de Literatura (2003)² e o Prémio Camões (2021)³, enfatizando o reconhecimento nacional e internacional da escrita da moçambicana.

Para além de escritora e contadora de histórias (forma como se define em entrevistas), Chiziane teve um envolvimento significativo com atividades políticas. Foi introduzida neste campo a partir de sua participação na FRELIMO, atuando junto ao grupo nos processos de independência de Moçambique. Porém, em razão das reações e comportamentos do movimento durante o momento pós-independência, fez com que a escritora não concordasse com os projetos políticos do partido, em especial na marginalização das mulheres e, com isso, desligou-se do Partido (Martins, 2006, p. 73). O período de rompimento de Chiziane com a Frente também coincide, muito provavelmente, com o desencontro entre os projetos conduzidos pela FRELIMO e os setores populares, somado à crise do modelo socialista e à guerra civil em Moçambique. Questionada em entrevista sobre acreditar no projeto da FRELIMO, afirma que sim, já que a libertação nacional ocorreu, porém, deixa claro que "governança é outro assunto, tanto que, até hoje, se chama Frente de Libertação de Moçambique – não é Frente de Governança –, tanto que o projeto da FRELIMO, como libertador, foi vencido, agora, o que veio depois são outras coisas" (Santos, 2018, p. 09).

Considerando a relevância da Paulina Chiziane no campo literário moçambicano contemporâneo, pode-se partir para a análise pontual das temáticas abordadas em seus livros. Para este, pensaremos na abordagem do *lobolo* nas páginas de *Balada de Amor ao Vento*, procurando questionar e interpretar o contexto ficcional remontado, além de refletir sobre o momento em que se é publicado, observando-a com base nas políticas de modernização e criação do "homem novo" da FRELIMO.

2.3 BALADA DE AMOR AO VENTO, O LOBOLO ENTRE A MODERNIDADE E A TRADIÇÃO

Balada de Amor ao Vento, o primeiro romance de Paulina Chiziane, foi publicado inicialmente em 1990 pela Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), e posteriormente, em 2022, no Brasil, pela editora Companhia das Letras. A obra oferece ao leitor a narrativa da difícil trama amorosa de Sarnau e Mwando. Chiziane apresenta ao leitor o fluxo de consciência de Sarnau, conectando-se com seus pensamentos, revelando as complexidades de sentimentos e relacionamentos

2 O Prémio José Craveirinha de Literatura é uma distinção literária que homenageia José Craveirinha, poeta moçambicano. Este prémio visa reconhecer e celebrar obras literárias moçambicanas significativas, principalmente aquelas que promovem a cultura, a identidade e as experiências dos povos africanos.

3 O Prémio Camões é o maior prémio literário da língua portuguesa, desde 1988, ele concede anualmente a um autor de língua portuguesa que tenha contribuído significativamente para a literatura dessa língua.

de uma jovem mulher moçambicana no período colonial. Além disso, Chiziane recupera o lobolo em seu romance, demarcando-o como um elemento identitário e parte fundamental nas relações sociais - idealizando, ao longo da narrativa, uma experiência sociocultural que possibilita maior espaço de ação e agência para mulheres moçambicanas.

Com a protagonista, Sarnau, entramos em contato com temas relacionados à poligamia, ao lobolo, às relações de gênero e violências enfrentadas por mulheres na realidade em que vivem, evidenciando a habilidade de Paulina Chiziane em ressignificar experiências coletivas em contextos marcados pelas violências colônias e suas continuidades - mesmo em contextos “pós-coloniais”. Algumas dessas práticas vinham sendo alvo das políticas de modernização frelimista, por representarem um passado que não se identificava as novas políticas de progresso e desenvolvimento de uma sociedade racional (Furquim, 2017, p. 670-672). Para além do citado anteriormente, narra-se contrastes e embates da presença do colonialismo português em Moçambique, como o contato de Mwando com a cristianização enquanto Sarnau segue as práticas religiosas de seus ancestrais. Esta abordagem eleva a discussão sobre identidade, tradição e os desafios enfrentados entre a população, tanto no passado quanto no presente, já que a religião também será um tópico discutido pela FRELIMO no pós-independência.

A partir de uma compreensão do lobolo como uma prática cultural, social e religiosa, este artigo utiliza três pilares centrais para a análise de *Balada de Amor ao Vento*: o tempo-histórico; a espacialidade; e a narrativa selecionada aos personagens. Além disso, e em diálogo com as contribuições de Rosane Kaminski, entendemos que, embora o enredo seja ficcional, a literatura selecionada de Chiziane pode ser analisada a partir da potência política e cultural (Kaminski, 2013, p. 65), portanto, enquanto espaço de interrogações históricas a respeito das contradições e complexidades sociopolíticas de Moçambique pós-independência, em especial ao problematizar os projetos de modernização e a persistência das tradições culturais.

No segundo capítulo de *Sobre a História*, "O sentido do Passado", o historiador Eric Hobsbawm discorre que "ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo" (Hobsbawm, 2020, p. 25). Assim, procurando um sentido para o passado, compreende-se que embora existam esforços para um - possível - apagamento do passado, ele continua presente na sociedade a partir de seus fragmentos - dos seus rastros. No caso de Moçambique, as tentativas de apagamento de um passado ancestral perpetradas pelo governo da FRELIMO, e que acabou se ligando com o colonial, foram diversas. Conforme destacado em suas pesquisas, Fabiane Furquim aponta que, para que pudessem progredir com suas políticas de modernização e progresso da nação moçambicana, o partido "demonstra anseio por unificar o país e, conseqüentemente, suas práticas" (Furquim, 2017, p. 668) e para isso, ocorreria

o apagamento de práticas tradicionais, a partir do uso da jurisdição - ou a ausência dela - e da penalização, e a implementação de práticas tidas como modernas, "houve uma necessidade de construção de uma nova história da coletividade" (Furquim, 2017, p. 668). Assim, neste contexto de tentativas violentas de criação do "homem novo" moçambicano, que visava contemplar todas as características que sinalizaram progresso, evolução e racionalidade, Chiziane escreve sobre um caso de amor no período colonial, a partir do qual discute a sobrevivência de práticas ancestrais - como o lobolo.

Como indicado previamente, tanto a temporalidade, quanto a espacialidade, são basilares para os estudos da história moçambicana. Como analisado por Nazir Ahmed Can em *O campo literário moçambicano* (2020), a escolha do espaço e do tempo na narrativa literária não são simples acasos. Trata-se também de uma seleção e representação de espaços que se vinculam aos desejos e preocupações do escritor, a fim de entrelaçar seus objetivos de escrita com a história que está planejando. Tais considerações são particularmente pertinentes ao se considerar a literatura de Paulina Chiziane, que utilizou frequentemente do discurso literário para representar as diferenças culturais, sobretudo entre o norte e o sul de Moçambique.

Deste modo, ressaltamos que, mesmo a trama se passando em um contexto onde as vivência dos personagens sejam ficcionais, a autora realiza uma seleção precisa no que diz respeito ao espaço para montar a narrativa, demarcando-o como parte de Moçambique. Levando em consideração a ampla e diversa territorialidade de Moçambique, é possível destacar que a escolha de Chiziane em ambientar o romance no Rio Save (localizado no Sul) pode não ser uma casualidade literária, pois relaciona-se com as estratégias de autorrepresentação da romancista nas páginas iniciais da obra: "Tenho saudades do meu Save, das águas azul-esverdeadas do seu rio. (...) Foi em Mambone, saudosa terra residente nas margens do rio Save, que aprendi a amar a vida e os homens. (Chiziane, 2022, p. 9)". Assim, passa a ser fundamental afunilar a contextualização para compreender de qual(is) lobolo(s) Chiziane está representando.

Observa-se também que a escolha de espaço-tempo que a Paulina Chiziane faz para a narrativa de *Balada de Amor ao Vento* estaria interligada às relações e dinâmicas socioculturais da autora em Moçambique. E por essa escolha de espaço e temporalidade, tornou-se possível e plausível a discussão de temáticas, como o lobolo, na época em que se retrata a história (período colonial) eram legitimadas, e, no momento que Chiziane a escrevia (pós-independência) já não eram "bem-vindas" por aqueles que estavam no poder moçambicano (Ahmed Can, 2020, p.17).

Convém lembrar que, o período de escrita e publicação de *Balada de Amor ao Vento*, coincide com os esforços da FRELIMO em promover a modernização da sociedade moçambicana. No que se refere ao papel social das mulheres, esses projetos políticos podem ser

vislumbrados na criação de associações como a Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM). Conforme os objetivos previstos no Estatuto da Organização das Mulheres Moçambicanas (OMM) (1980, p. 25), a organização frelimista visava “combater as ideias velhas e retrógradas, desenvolvendo a nova consciência do processo da luta para a edificação da sociedade”. Em outros documentos produzidos pelo governo frelimista, a exemplo dos textos publicados na coleção Estudos e Orientações (1978-1983), cuja autoria foi atribuída a Samora Machel, também se demarcava o necessário engajamento das mulheres como partícipes da construção do estado socialista, e a "vitória contra o obscurantismo e tradições que condenam a mulher à passividade, vitória contra a sociedade exploradora que escraviza a mulher" (Machel, 1979, p. 11-12).

As práticas a serem rejeitadas estavam relacionadas ao “obscurantismo” (termo utilizado pela FRELIMO), englobando aspectos de ordem cosmológica e ritualística, como a poligamia, o lobolo, a feitiçaria e os ritos de iniciação sexual, praticados no âmbito familiar e social (Furquim, 2017, p. 25-26). Estes ideais em relação às práticas ancestrais e tradicionais são explicitados em outras documentações da OMM, como no Hino das Mulheres Moçambicanas: “*É a Mulher Moçambicana emancipada / Que destrói as forças da opressão. / Lutando com firmeza contra as ideias velhas, / Ignorância, obscurantismo, poligamia ou lobolo*” e complementa, “*Levando no olhar a certeza da vitória, / Sabendo que a vitória se constrói com o sacrifício*” (Frelimo, 1975, p. 42 *apud* Casimiro, 2014, p. 185). Estes elementos permitem vislumbrar as relações de órgãos oficiais diante das práticas ancestrais, destacando a visão que havia sobre o lobolo. Paralelamente, a retórica adotada pelo partido nesses discursos oficiais reiterou certas figurações tradicionais das mulheres - principalmente no papel de “mães”, seja no sentido biológico, social (na educação do “homem novo”) ou simbólico (como “mães da revolução”).

Conforme Furquim (2017), o governo frelimista, ao tentar construir uma nova história de coletividade e um novo sentimento de moçambicanidade, promoveu a criação de diversas leis voltadas a marginalizar práticas culturais anteriores à ocupação portuguesa: autoridades tradicionais, feitiçeiros e curandeiros, que tradicionalmente eram responsáveis por resolver conflitos sociais, foram combatidos em um esforço para substituí-los por um novo aparato jurídico. Além disso, cerimônias do lobolo foram proibidas e negadas, pois, do ponto de vista do partido, reforçavam ideias retrógradas baseadas na submissão das mulheres. Assim, a "legalidade socialista" no projeto do partido visava reformar a sociedade, e transformar Moçambique em um estado moderno. Em seus romances, Chiziane problematiza as ações modernizadoras levadas a cabo pela FRELIMO, apontando, por exemplo, a continuidade da poligamia em *Niketche* (2002) como forma de manutenção da autoridade masculina e patriarcal no pós-independência.

Em *Balada de Amor ao Vento*, práticas culturais consideradas como “obscurantistas” pela FRELIMO são retomadas, e ressignificadas, como elementos constitutivos de outras identidades moçambicanas e, sobretudo, de espaços de maior ação e agência para as mulheres moçambicanas. Além disso, como aponta Tedesco (2008), as reflexões de Paulina Chiziane sobre o lobolo apontam para a sua permanência, em um exemplo de modernização das tradições que “marca a especificidade da experiência feminina, portadora de uma temporalidade diversa das narrativas de nacionalidade” (Tedesco, 2008, p. 72). No que se refere à narrativa de *Balada de Amor ao Vento*, convém frisar que relação entre os personagens Sarnau e Mwando inicia com a moça o admirando durante a prática do ritual de circuncisão de garotos, retomando assim, desde as primeiras páginas do romance, ritos de passagem e iniciação que marcavam as relações sociais no sul de Moçambique. Contudo, o amor deles não seria possível, por conta de o jovem estar no *colégio* - termo utilizado na trama para se referir a uma instituição religiosa católica. Assim, conforme demonstra Freitas (2012), a relação de amor entre Mwando e Sarnau metaforiza as tensões políticas, culturais e religiosas da sociedade moçambicana em processo de aculturação. Permite pensar no “papel da mulher presa a uma estrutura social incompatível com a proposta de modernização do país que ainda sedimenta o processo de formação identitária” (Freitas, 2012).

Entre idas e vindas, após o início do relacionamento, o homem se afasta dela, alegando que estaria trabalhando muito com seu pai e não poderiam estar juntos por isso. Em seu último encontro (no momento) a moça conta que está grávida, “Vamos ter um filho, Mwando. Há quarenta dias que não vejo a lua.” (Chiziane, 2022, p. 29) e sua resposta surpreende, diz que acha bonito ser pai, mas que não tem como ficar ali pois “vou casar-me brevemente com uma rapariga que os meus pais escolheram para mim” (Chiziane, 2022, p. 29). Em desespero com o que acabou de ouvir, Sarnau implora, pedindo para que ele aceitasse a proposta de poligamia, “eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira. Mesmo que tivesses cem, eu seria a centésima primeira. O que eu quero é estar ao teu lado.” (Chiziane, 2022, p. 29), porém Mwando contesta, a resposta será não, por ser um homem cristão diz que nunca faria e concordaria com essa prática (Chiziane, 2022, p. 30).

Embora ainda não estejamos falando diretamente da prática do lobolo, convém pontuar como as religiosidades são abordadas em diversos momentos da obra, seja relacionando as práticas ritualísticas e matrimoniais, e/ou sobre a presença da moral (ou culpa) cristã. Mwando é o personagem que se apresenta a partir de tais ideais, para exemplificar o conflito religioso e espiritual na narrativa, pode-se retomar a ocasião em que ocorreu a primeira relação sexual do casal. Assim, conforme Chiziane, “Mwando deu o primeiro golpe. Os nossos sangues uniram-se. Neste momento os defuntos que estão no fundo do mar festejam, porque eu hoje sou mulher.” (Chiziane, 2022, p. 25),

e após o ato, Sarnau pede que o homem cristão faça as oferendas a sua defunta guardiã (prática de suas crenças), para "agradecer à minha defunta protetora pelo prazer que acaba de te dar" (Chiziane, 2022, p. 25). Contudo, Mwando não realiza o pedido por não acreditar nem no seu amor com Sarnau e nem nas oferendas.

A recusa de tradições ancestrais, como a feitiçaria, as incorporações espirituais e o próprio lobolo, e a busca por práticas culturais difundidas pelo colonialismo ou pela ação missionária, são recorrentes na caracterização de Mwando. Desse modo, apesar do romance ser ambientado no período colonial, é possível observar diversos paralelos entre as ações de Mwando, os impactos do colonialismo/missionarismo e os ideais do “homem novo” delineado pelo governo frelimista. Assim, ao contrapor diferentes camadas de temporalidade (colonial e pós-colonial), Chiziane sobrepõe a legitimidade das ações masculinas, socialmente respaldadas, à infelicidade das mulheres, evidenciando o modo como que o período colonial e as décadas pós-independência foram marcadas por continuidades nas relações sociais hierárquicas entre homens e mulheres. Por isso, a ressignificação de práticas ancestrais no romance, a exemplo do lobolo, podem ser observadas como estratégias de Chiziane em resgatar espaços de ação e atuação social para as mulheres.

Convém frisar que Chiziane, ao representar o lobolo em *Balada de Amor ao Vento*, destaca seu papel nas relações sociais e, também, as funções espirituais necessárias para a realização da prática. Sendo um dos principais ritos do lobolo, o *Kuphalha* corresponde ao processo de invocação, incorporação e conversa com os espíritos dos antepassados da linhagem, para entenderem se o lobolo do casal pode acontecer (Granjo, 2004, p. 02). No decorrer do relato *O lobolo do meu amigo Jaime*, do antropólogo Paulo Granjo, o contato com ancestrais é uma prática fundamental no rito, a fim de buscar proteção e bons frutos aos noivos, já que "a família da noiva, pretendendo regularizar a situação dela, expressava como razão principal desse desejo a necessidade de apaziguar os antepassados, por forma a assegurar a sua protecção para a noiva." (Granjo, 2004, p. 10). Embora o contexto do lobolo de Jaime e Elsa seja diferente do que veremos em *Balada de Amor ao Vento*, o *Kuphalha* deve ser pensado para compreendermos várias referências e ligações utilizadas por Chiziane na obra.

A trajetória de Sarnau toma novos rumos quando é abençoada por seus ancestrais, pois enquanto ela realizava seus afazeres uma senhora a interrompe no caminho pedindo que lhe servisse água, e, neste momento reconhece a jovem alegando que conhecia ela e sua mãe, Rindau, esta anciã era a mãe de Nguila, filho do Rei Zucula, e estava a procura da primeira esposa do seu filho pois a que estava predestinada a tal lobolo era feiticeira (e isto era considerado inaceitável). Após uma semana de Sarnau acompanhando a anciã, esta alega que sabe quem é a mulher ideal para o seu filho e anuncia: "já encontrei a mulher mais bela, mais bondosa e trabalhadora, que não é feiticeira.

É a Sarnau!..." (Chiziane, 2022, p. 41). A partir daquele momento, conforme a jovem, "hoje sou a mais feliz das mulheres, ah, Mwando, presença que sorte que tu me deste pois agora serei a esposa do futuro rei desta terra." (Chiziane, 2022, p. 39)

Assim, Nguila ocupa um espaço central na narrativa literária, sendo o oposto do que presenciaremos em Mwando. Neste ponto, pode-se perceber o modo como Chiziane idealiza um outro tipo de homem - não o "homem novo", previsto pelas políticas culturais frelimistas, mas sim um homem cuja força física e características morais derivam de práticas culturais tradicionais, especialmente o papel das chefaturas tradicionais. Com descrições que fazem com que captamos o personagem como robusto e descomunal, "é um búfalo enorme e forte como exige a nobreza da sua raça" (Chiziane, 2022, p. 43) e "não há quem meça forças com ele" (Chiziane, 2022, p. 44). Além disso, Chiziane destaca que, apesar das tentativas de cristianização por missionários, Zucula recusara o cristianismo. Baseando-se nas apresentações oferecidas, podemos destacar os conflitos internos da protagonista, onde ela se depara com diferentes perspectivas do que seria seu lobolo e casamento.

Retomando a conceitualização do *lobolo* que acontecerá neste momento da obra, vale demarcar que, conforme tem apontado a historiografia e os estudos etnográficos, se trata de uma prática tradicional que envolve a transferência de bens, de uma família para outra como parte do processo de casamento. Essa prática é vista como uma forma de compensação entre linhagens/grupos diferentes, onde uma família cede a capacidade procriadora de um de seus membros, e em troca, recebe bens que são destinados à aquisição de uma noiva. O *lobolo* não deve ser entendido apenas como um "preço de compra" da mulher, mas sim como um ritual que estabelece conexões sociais, religiosas e políticas, além de relações de reciprocidade entre as linhagens e grupos envolvidos (Rita-Ferreira, 1971, p. 1 *apud* Taibo, 2012, p. 30-32).

O lobolo de Sarnau e Nguila aconteceu com rapidez, já que o filho do Rei precisava casar-se para legitimar sua autoridade política. Assim, Chiziane enfatiza que a estrutura da prática se fundamenta em processos nos quais a participação de ancestrais e familiares são essenciais. No início do ritual é marcado pela presença dos familiares de ambas as partes, pela Sarnau são "meus tios e avós tomam os assentos" (Chiziane, 2022, p. 38) e por Nguila, serão os oficiais e representantes do Rei, assim, temos contato com quais membros da família da mulher integram a delegação do lobolo, no qual discutem e decidiram a quantidade de bens a serem recebidos pela família da mulher. Com as negociações finalizadas, a oração pela avó materna é proferida, anunciando também sobre o *kuphalha*, confirmando a presença e aprovação dos ancestrais para aquela união:

"Alegrai-vos, cantai, espíritos dos Guiamba e Twalufo, que a grande sorte caiu sobre vós. Os antepassados sempre disseram: a mulher é a galinha que se cria para com ela presentear os visitantes. Chegou o momento doloroso. Criámos a Sarnau com amor e sacrifício, os visitantes estão à porta e vêm buscá-la para sempre. Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada. O vosso sangue vai hoje pertencer à nobre família dos

governantes desta terra. O número de vacas com que é lobolada é tão elevado, coisa que nunca aconteceu desde os tempos dos nossos antepassados. Alegrai-vos, cantai, espíritos da terra e do mar. Recebei as ofertas que nos trazem e abri todos os caminhos da felicidade. Que do ventre da vossa protegida saíam rebentos assim como ela nasceu de nós. Aclamai, abençoai, espíritos da terra e do mar, porque a vossa filha foi escolhida para esposa do filho do rei.” (Chiziane, 2022, p. 38)

Após a prece, iniciam-se as práticas sobre os presentes, e Chiziane destaca que "o número de vacas com que é lobolada é tão elevado, coisa que nunca aconteceu desde os tempos dos nossos antepassados" (Chiziane, 2022, p. 38). Os participantes pedem para que Sarnau confira o que havia como oferta em seu lobolo para que confirmem se ela o aceita, e a jovem se assusta: "eu não quis acreditar. Trinta e seis vacas que ainda não pariram e um cortejo de mais de dez homens adornados com peles de leopardo acompanhavam a manada" (Chiziane, 2022, p. 39). Confirmada a aprovação dos ancestrais e posteriormente, após conversas (sem a presença de Sarnau), esta retorna para o recinto e observa a esteira ocupada por colares, pulseiras, peças de vestuário, panos e rapé, além de bebidas, dinheiro tilintando e vacas ainda não paridas mugindo ao lado de fora da casa. Ao observar por completo o valor de seu lobolo, a mulher lobolada, com um véu que cobre sua face e só lhe é retirado após a apresentação destes bens, é tomada pela surpresa ao ver tantas peças sob a esteira, e pela primeira vez, questiona: "meu Deus, isto é uma feira, eu estou a venda." (Chiziane, 2022, p. 41). Esta foi uma das primeiras frases da obra que mostraram os sinais de choque cultural, social e econômico que a jovem Sarnau iria vivenciar. Para oficializar, seu tio pergunta:

“— Sarnau, eis nos teus olhos o teu preço. Nós sabemos que vales mais do que tudo. O que aqui está não chega para pagar o amor que temos por ti. Lá fora estão trinta e seis vacas que como tu ainda não pariram. Diz em voz alta para todos ouvirmos: aceitas neste momento pertencer à grande família dos Zucula?” (Chiziane, 2022, p. 41)

Após aceitar pertencer à linhagem dos Zucula, Sarnau é orientada por sua tia para continuar o ritual, proferindo o que os seus familiares deveriam fazer com tais presentes. Indica que estes serão aos seus pais, seus avós e todos os defuntos, e pedem que aceitem "esta oferta, esta humilhação, que é o testemunho da minha partida. Vou agora pertencer a outra família, mas ficam estas vacas que me substituem" (Chiziane, 2022, p. 42) e prossegue, "que estas vacas lobolem mais almas, que aumentem o número da nossa família, que tragam esposas para este lar, de modo a que nunca falte água, nem milho, nem lume.". Antes que seu tio finalize o lobolo, a avó materna retoma a palavra, trazendo informações ancestrais e religiosas sobre Sarnau e sua família:

“— Saudamos-te, Sarnau, mãe de todo o rebanho dos Iwalufo. Foste a primeira filha do ventre da tua mãe. És tu a mãe do Rungo, Rungo pai do Tinga. Morreste com desejo de renascer do rebanho do Tinga, teu neto mais querido. Tinga mostrou ao mundo a primeira sorte onde te encarnaste, avó Sarnau, és a mesma que hoje é lobolada. No passado compraram-te apenas com uma peneira de feijão. Hoje, renascida, lobolam-te com tantas vacas e dinheiro vermelho. Avó Sarnau, eis aqui o teu rapé e o pano vermelho. Abençoa a tua protegida: abre-lhe os caminhos da felicidade: que nasçam muitos filhos do seu ventre como aconteceu no passado, nda-wuêê!...” (Chiziane, 2022, p. 42)

Após este momento, o lobolo está feito. Os regalos são recolhidos e é o momento da cunhada enfeitá-la com adereços e vestimentas para a festa da nova integrante da família Zucula. Canta-se e dança-se, agora, Sarnau é a primeira esposa de Nguila (Chiziane, 2022, p. 43). No conjunto, a realização do lobolo demarca uma participação expressiva de mulheres - mães, tias, avós - caracterizando-se como um espaço de atuação social feminina. Desse modo, embora Chiziane observe a permanência de práticas culturais ancestrais como um desafio para as mulheres - a exemplo da poligamia em *Niketche* - também demonstra a recorrência à práticas tradicionais como uma possibilidade de resolver impasses e conflitos cotidianos.

A comunidade vibrava (positiva e negativamente) por terem escolhido Sarnau, e, dessa forma, acabaram surgindo diversos conselhos sobre como manter o casamento, principalmente de mulheres de sua família. Os ensinamentos vinham com um sinal de alerta, para que a jovem não se assustasse com a realidade de ser esposa, "se ele trazer uma amante só para conversar, recebe-o com um sorriso, prepara a cama para que os dois durmam" (Chiziane, 2022, p. 46), além de "esconde o teu sofrimento quando o homem dormir com a tua irmã mais nova mesmo na tua presença" (Chiziane, 2022, p. 47) e repetindo incansáveis vezes, "o homem, não foi feito para uma mulher só". Porém, a mulher recém lobolada rejeita tudo o que ouviu, alegando que "é meu esse lugar tão cobiçado; o poder é meu, calem a boca, velhas estúpidas!" (Chiziane, 2022, p. 46), sem imaginar o que viria a acontecer em sua relação com Nguila. Como se pode ver, Chiziane promove uma espécie de "reinvenção da tradição", ao recuperar o lobolo como uma prática cultural e elemento constitutivo de relações sociais entre diferentes linhagens. Todo este percurso literário que a romancista faz na obra, são narrativas que promovem o leitor a refletir sobre a ancestralidade, as práticas culturais e a sociedade moçambicana. Por extensão, Chiziane vislumbra novas possibilidades de ação social e agência para mulheres moçambicanas, como Sarnau, a partir dessas práticas, afinal de contas, o modo como Chiziane descreve o lobolo visa destacar sua capacidade de escolha durante o ritual.

Durante o período colonial em Moçambique, o lobolo passou por um processo de deslegitimação diante de novas práticas sociais e jurídicas implementadas pelo governo colonial. Assim, ao lado do lobolo, reiterava-se a necessidade de realizar casamentos oficializados pela Igreja Católica. Com a independência na década de 1970, os casamentos civis passam a ser vistos como possibilidade de oficialização das uniões matrimoniais. Para contar com o reconhecimento ancestral, espiritual e colonial, o casamento de Nguila e Sarnau acontece das duas formas, através do lobolo e casamento católico, realizando-se todas as etapas necessárias, desde vestido branco e terno preto (ao noivo), com o padre realizando a benção e assinatura em livro, onde o filho do rei, por ser alfabetizado, escreve seu nome com caneta de ouro e a moça deixa a digital de seu dedo (Chiziane, 2022, p. 47). Podendo agora, se iniciarem os dias de festa, regados a tudo que havia direito. De início,

ela tem esperança de que o casamento irá suprir suas expectativas até que encontra, nos seus primeiros dias de casario, Nguila na cama com outra mulher. A humilhação e agressão foram crescendo e dão uma pausa assim que Sarnau engravidar, e estava tudo maravilhoso, até que descobrem que a moça carregava em seu ventre duas meninas, fato que não deveria ser nenhum pouco contemplado.

O retorno de Mwando na vida de Sarnau, desperta nela sentimentos que há muito estavam adormecidos. Apesar dos riscos de se envolver com uma mulher lobolada e rainha, os encontros entre eles continuaram, carregados de promessas de que seriam os últimos. Essa relação proibida resultou na terceira gravidez de Sarnau, que deu à luz um filho que, sem saber que não era o pai, foi acolhido por Nguila. Mesmo tentando se afastar, os encontros acabaram sendo retomados até que Phati, uma das esposas de Nguila, os descobriu e informou ao rei. Sabendo que seriam ameaçados de morte, Mwando e Sarnau fugiram, abandonando os filhos dela e tentando viver o amor que sempre sonharam.

Essa fuga, contudo, foi breve. Mwando, ciente dos perigos de "levar" a esposa do rei, fez o possível para se proteger, mas acabou abandonando Sarnau novamente quando foram ameaçados de morte. Mwando foi capturado e levado como escravizado para Angola, onde, ao longo de 15 anos, assumiu a identidade de "Padre Moçambique", utilizando seu status para tentar apaziguar os colonizadores e manter práticas cristãs entre os escravizados. Durante esse mesmo período, Sarnau, grávida, enfrentou dificuldades para sustentar a si mesma e seus filhos, Phati e João, vendendo condimentos em Mafalala.

Em um gesto de desespero e independência, Sarnau decide retornar a Nguila e pagar o próprio lobolo, uma ação que simboliza sua luta por liberdade e sobrevivência em meio a uma sociedade opressiva. Mwando, por sua vez, retorna novamente à vida de Sarnau, buscando retomar o amor que eles um dia compartilharam. Contudo, Sarnau, transformada pelas adversidades que enfrentou, reage de forma inesperada, confrontando Mwando não apenas pelo que ele fez, mas também pelas ofertas que ele se recusou a fazer em nome de sua protetora espiritual. Este reencontro revela que Sarnau precisou se prostituir para sobreviver, uma verdade que Mwando inicialmente rejeita, mas que eventualmente o leva a assumir a paternidade dos filhos. O livro culmina com Sarnau afirmando que, apesar de tudo, merece ser feliz, deixando a história em um tom de resolução ambígua, onde o amor e o sofrimento coexistem até o fim.

O lobolo é narrado em *Balada de Amor ao Vento* como uma prática cultural central nas relações de poder, identidade e gênero na sociedade moçambicana retratada por Paulina Chiziane. A protagonista, Sarnau, sente o peso do lobolo ao entrar na família Zucula, o que a prende um casamento sem amor e a submete às vontades do marido. No entanto, o romance subverte essa tradição quando Sarnau decide pagar seu próprio lobolo para libertar-se das amarras que a mantinham

atada a Nguila, demonstrando uma resistência silenciosa, mas poderosa contra a opressão patriarcal. Assim, o lobolo, que inicialmente parece um símbolo de submissão, torna-se, nas mãos de Sarnau, uma ferramenta de emancipação, revelando as contradições e complexidades dessa prática cultural em um contexto de luta pela liberdade e autonomia feminina.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação do lobolo em *Balada de Amor ao Vento* de Paulina Chiziane ilustra a complexa tensão entre modernidade e tradição em Moçambique, tanto no período colonial (como aborda a narrativa), como no contemporâneo. Através da narrativa de Sarnau, Chiziane revela não apenas as contradições presentes nas políticas de modernização da FRELIMO, mas também a persistência e ressignificação de práticas ancestrais como o lobolo. O romance evidencia como tais práticas, frequentemente vistas como "obscurantistas" pelas políticas oficiais, continuam a desempenhar um papel significativo na vida das mulheres moçambicanas, permitindo-lhes espaços de agência e redefinição de identidade.

Ao ambientar a história em um contexto colonial, Chiziane explora as continuidades e rupturas que caracterizam o processo de formação identitária em Moçambique. A autora demonstra como o lobolo, ao ser reconfigurado nas narrativas literárias, se torna uma ferramenta para questionar as imposições modernizadoras que buscavam apagar práticas culturais tradicionais. Nesse sentido, a obra de Chiziane não apenas celebra a tradição, mas também a desafia, propondo uma reflexão sobre a relevância dessas práticas no presente.

Por fim, *Balada de Amor ao Vento* se apresenta como uma crítica às tentativas de uniformização cultural e social promovidas pelo Estado moçambicano, ao mesmo tempo em que destaca a importância da diversidade cultural na construção de uma identidade nacional. Através do lobolo, Chiziane oferece uma visão alternativa da modernidade, onde o passado e o presente se entrelaçam, criando possibilidades para a emancipação das mulheres moçambicanas.

REFERÊNCIAS

- ATAIDE, L. DE B. Memória e transgressão em *As cicatrizes do amor*, de Paulina Chiziane. *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios*, v. 1, n. 27, p. 159-172, 28 mar. 2016.
- BAGNOL, B. Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique. *Análise Social, [S. l.]*, v. 43, n. 187, p. 251–272, 2008. DOI: 10.31447/AS00032573.2008187.03. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/view/30005>. Acesso em: 19 jun. 2024.
- BORTOLOTTI, João Antonio. *Revista Charrua: relativizações das retóricas de intelectual revolucionário e literatura de combate (1977-1986)*. *Revista Discente Ofícios de Clio, Pelotas*, v. 5, n. 9, pp. 39-54, 2020.
- CAN, Nazir Ahmed. *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio*. São Paulo: Editora Kapulana, 2020.
- CAMPOS, Josilene Silva. *Literatura e revolução: o pensamento político da frente de libertação de Moçambique a partir dos poemas de combate (1962-1980)*. **Tese de Doutorado**, São Paulo, out. 2022. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/t.8.2022.tde-06102022-103218>.
- CASIMIRO, Isabel Maria. *Paz na Terra, Guerra em Casa*. Série Brasil & África-Coleção Pesquisas 1, Pernambuco: Editora da UFPE: 2014
- CELSO, Antonio. *A fonte fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CHAVES, Rita. *O passado presente na literatura africana*. *Via Atlântica, São Paulo*, v. 5, n. 1, p. 147–161, 2004. DOI: 10.11606/va.v0i7.49794. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49794>. Acesso em: 3 jul. 2024.
- CHIZIANE, Paulina. *Balada de Amor ao Vento*. São Paulo: Companhia das Letras. 2022.
- DIMANDE, E. M.; CHIMBUTANE, F. . Reexaminando o prefixo nominal da classe 5 na língua ronga . *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 16, n. 2, p. 870–899, 2022. DOI: 10.14393/DL50-v16n2a2022-17. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/62059>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- FAGUNDEZ, Ingrid. *Primeira romancista de Moçambique diz não ter liberdade para escrever como um homem: 'Somos prisioneiras'*. 2016. Publicado em BBC NEWS BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37734763>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. *PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA*. *Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios*, n. 16, p. 13-72, 11 maio 2017.
- FURQUIM, Fabiane Miriam. *A Revista Justiça Popular e o projeto modernizador frelimista em Moçambique: os conflitos entre a modernidade e a permanência da tradição (1978-1992)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

FURQUIM, Fabiane Miriam. O discurso modernizante da FRELIMO e a Revista Justiça Popular: As relações entre Estado, violência e modernidade. In: VIII Congresso Internacional de História, 2017, Maringá. Anais do VIII Congresso Internacional de História, p. 666-674. 2017.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011

HAMILTON, Russell G. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. Via Atlântica, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 12–23, 1999. DOI: 10.11606/va.v0i3.48809. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48809>. Acesso em: 3 jul. 2024.

KAMINSKI, Rosane. Reflexões sobre a pesquisa histórica, a ficção e as artes. In: FREITAS, A.; KAMINSKI, R. (Orgs.). História e arte: encontros disciplinares. São Paulo: Intermeios, 2013, p.65-93.

MARTINS, Ana Margarida Dias. The Whip of Love: Decolonising the Imposition of Authority in Paulina Chiziane's Niketche: Uma História de Poligamia. in The Journal of Pan African Studies, vol. 1, n. ° 3, março de 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. Revista *História da Educação*, n. 14, 2003, p. 31-45.

SANTOS, Tiago. Guerras, mulheres e memórias: entrevista com a escritora Paulina Chiziane. Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 26, n. 2, 2018. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/45904>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SOUSA, Noémia de. Sangue Negro. Maputo: Marimbique, 2011.

SANTOS, Olímpia Maria dos. O grito negro e a voz feminina: de Noêmia de Sousa em busca da fraternidade e das raízes africanas ancestrais. In: SECCO, Carmen Tindó *et al* (org.). África & Brasil: letras em laços. São Caetano do Sul: Yendis, 2010. Cap. 15. p. 245-260.

SCHMIDT, Simone Pereira. Paulina Chiziane: para ler Moçambique no feminino. In: SECCO, Carmen Tindó *et al* (org.). África & Brasil: letras em laços. São Caetano do Sul: Yendis, 2010. Cap. 19. p. 317-330.

MACHEL, Samora. A libertação da mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo. Maputo: DTI, 1979.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. A condição feminina em Balada de amor ao vento, de Paulina Chiziane. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. Narrativas da moçambicanidade: os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional. Tese (Doutorado em História)- Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

THOMAZ, Omar Ribeiro. O tempo e o medo: a longa duração da guerra em Moçambique. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco – História*, [S.L.], v. 15, n. 26, p. 88-97, nov. 2018.